

*Senhor Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, Dr. José Israel Vargas; Dr. Eduardo Krieger, Presidente da Academia Brasileira de Ciências; Ilustres agraciados com o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, Dr. Paulo de Tarso Alvim e Dr. Francisco Mauro Salzano; Senhoras; Senhores,*

Eu, com certa freqüência, tenho vindo a este salão em solenidades semelhantes a esta. Mas, talvez, tenha sido a primeira em que eu tenha tido a oportunidade de, humildemente, como Presidente da República, agradecer de público a ação de cientistas do mérito daqueles que nós estamos hoje agraciando.

Pode ser um gesto simples – como é de fato – mas é expressivo, porque dá a todos nós a confiança no nosso próprio país.

Ao agraciarmos com o Prêmio Almirante Álvaro Alberto dois cientistas do porte do Dr. Alvim e do Dr. Salzano, ao ouvir as palavras do Dr. Alvim, nós nos sentimos todos orgulhosos. Disse o Dr. Alvim aqui, com muita clareza, que, apesar das dificuldades, continua a haver uma crença muito forte e que a ciência avança a despeito de tudo.

Isso não quer dizer que nós não tenhamos que dar uma atenção toda especial às condições do desenvolvimento científico no Brasil – e já disso falarei. Mas não basta. A ciência avança, o saber avança, a criatividade avança quando há pessoas como os dois aqui presentes, que acreditam e que se dedicam, que têm fé, têm uma profissão, têm uma vocação. E vocação tem algo a ver com *calling*, com “o chamamento”, que pode não ser transcendental, mas que é necessário para que as pessoas, efetivamente, tenham uma motivação que as leve, a despeito das circunstâncias, a prosseguir na sua caminhada.

Eu sempre tive – a expressão não é boa, dizer que é inveja – um certo sentimento de frustração, porque sou sociólogo, e os sociólogos não pertencem ao ramo forte da ciência.

O Dr. Israel Vargas, que, quando jovem – faz tantos anos isso –, freqüentava minha casa, com muita insistência, sabe disso. Eu vivia, o tempo todo, tentando conversar com ele mais sobre a Física do que sobre a Química, porque um vizinho meu – chamava-se Mário Schemberg – morava no mesmo prédio, e nós freqüentemente discutíamos. O Dr. Vargas dormia pouco e passava os fins de semana lá em casa, quando ele era professor assistente ou estudante – não me lembro – no ITA, em São José dos Campos, e vinha passar o fim de semana na minha casa. E ele não dormia. Passávamos a noite conversando, variando um pouco entre estética e outros assuntos – política, sem dúvida, quase sempre –, mas certamente também um pouco sobre o que estava acontecendo no terreno da Física e da Química.

Sempre tive uma enorme curiosidade nesses campos. O máximo que consegui me aproximar no terreno dos senhores foi que minha sogra fez um doutorado justamente em fisiologia de plantas. E eu tentava aprender alguma coisa e não aprendi nada. Mas aprendi a admirá-los. Aprendi como pessoa, não como um sociólogo só, mas como pessoa, a perceber que existe, realmente, um certo tipo de gente que tem algo que vai além do que se pode esperar, normalmente, dos cidadãos. Porque é uma vontade tão inacreditável de descobrir algo novo, de avançar, que merece de todos nós um sentimento de gratidão. O Dr. Alvim foi generoso ao me citar entre aqueles que participam dessa grei.

Trabalhei bastante, isso é verdade, mas talvez numa direção bem diferente da dos laboratórios, porque o laboratório do sociólogo é a própria sociedade, é a própria vida, que obedece menos a nós, talvez, do que aquelas situações que podemos reproduzir em laboratório. Mas de qualquer maneira eu posso, pelo menos por empatia, saber o que significa chegar à altura da realização profissional dos senhores e, olhando para trás, dizer com tranquilidade: nós fizemos. Os senhores fizeram, e é por isso que nós estamos aqui para prestar-lhes essa homenagem.

Tenho absoluta consciência de que não basta ter a vocação, acredito que não basta ter as pessoas dedicadas, pois, sem elas, nada avança: é preciso que haja também condições para que as pessoas possam desenvolver seus trabalhos. Essas condições envolvem muita coisa. No caso específico que foi mencionado pelo Dr. Alvim, da Ceplac, um órgão que já visitei, sei das dificuldades da lavoura cacaueteira, sei também dos percalços pelos quais esse órgão passou, até mesmo pela manipulação política dele, que não foi aconselhável e nunca é aconselhável em matéria de desenvolvimento científico.

Mas não basta dizer que um Governo não deve se utilizar das suas instituições para fins políticos – Isso eu acho que hoje é o trivial para a democracia. Essa utilização não deve, não pode e não terá nunca o meu apoio. Mas é preciso ter o outro lado. O outro lado é que nós temos que construir.

Quero dizer que tenho muita confiança na ação que vem sendo desenvolvida pelo Ministro José Israel Vargas à frente do Ministério da Ciência e Tecnologia. E essa confiança não só deriva do fato, já mencionado aqui, das nossas tão antigas relações pessoais e da admiração que sempre tive por sua inteligência e por seu espírito público, mas também deriva do fato de que, efetivamente, nós estamos mudando alguma coisa no Brasil. Esse “nós” não é o meu Governo, que tem apenas seis meses, o que não seria suficiente para que os efeitos fossem sentidos.

Pelas informações obtidas, nós conseguimos, o ano passado, ultrapassar, no CNPq, pela primeira vez na história, a casa dos 500 milhões de dólares que lhe foram destinados. Isso vai numa progressão. Este ano, teremos mais.

O Ministro Vargas me mostrou alguns gráficos, que a mim me surpreenderam favoravelmente. Efetivamente, se olharmos o que aconteceu no Brasil, não quero me referir de forma menos agradável a governos anteriores, houve momentos em que foi muito grande a perda de velocidade no apoio efetivo, que se traduz, primeiro, por verbas, depois, por organização e, sempre, por moralidade. Houve uma perda grande nos órgãos de desenvolvimento científico, e, desde o ano passado – talvez desde 1993 –, nós começamos a recuperar aquela condição mínima para que esses órgãos pudessem funcionar.

O Ministério de Ciência e Tecnologia, no ano passado, superou 1 bilhão de dólares no seu orçamento. O CNPq, 500 milhões. Isso vai continuar. Para 1996, como é compromisso nosso antigo, já estão destinados 100 milhões de dólares para que aqueles programas dos centros de excelência possam ser desenvolvidos pelo CNPq, porque é uma coisa fundamental para que o Brasil possa progredir.

E também é de se notar que, se houve um pequeno esforço público, isso está sendo, digamos, expresso através desses números que estou mencionando aqui. Em relação aos incentivos, de vez em quando leio nos jornais “Vai se cortar incentivo para a cultura, vai se cortar incentivo para a ciência e tecnologia”, e já chovem telefonemas. Não se preocupem, não vai se cortar nada disso, porque o Presidente da República não é insensato.

Quero lhes dizer que, nesse terreno específico da cooperação das empresas, nós temos tido resultados que são também importantes, que têm nos mostrado que, para cada real que nós colocamos na forma de incentivo – e, digamos, a renúncia fiscal foi da ordem de 500 milhões de dólares – nós temos dois reais que são postos em termos da iniciativa privada, o que dá mais 1 bilhão de dólares.

É verdade que, com tudo isso, nós temos ainda o equivalente a apenas 0.7% do PIB destinado, no conjunto, aos programas de desenvolvimento de ciência e tecnologia. Precisamos chegar ao nosso objetivo de alcançar um patamar de 1,5% do PIB até 1999, o que implica um esforço bastante acentuado, porque temos que ampliar a participação, também, das empresas nesse esforço conjunto de 10%, que corresponde hoje a

30%, para que possamos nos aproximar dos níveis daqueles países que têm um desenvolvimento mais forte.

É claro que não se mede o desenvolvimento científico só pelo orçamento, só por esse tipo de apoio que se possa dar, que é indispensável, mas não suficiente: há que se pensar na dedicação dos pesquisadores. A isso há que se agregar também a capacidade política de coordenação e da execução dos mecanismos que levam ao desenvolvimento científico. E, nesse sentido, nós temos aí o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia: está no Senado, e eu espero, ainda este ano, obter daquela Casa a aprovação, para que nós possamos, efetivamente, dar um sinal muito forte de que o Brasil se preocupa com o desenvolvimento científico, de uma maneira direta.

E é preciso também dizer que nossas empresas estão progredindo em termos tecnológicos. Temos, hoje, 620 empresas que obtiveram o certificado ISO 9000 e esperamos chegar ao final do ano com mil empresas. Esse é um número muito forte, muito forte mesmo. Não quero me referir a países irmãos nossos, mas eles não chegam à centena. E já estamos nos aproximando de um milhar de empresas. E isso só se faz quando há uma conjugação de esforços, não só no plano do Governo, mas também no plano da empresa privada.

Nós estamos, para manter esse ritmo, tomando todas as providências, junto tanto ao Banco Mundial quanto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, para que possamos reforçar os nossos programas com aportes consideráveis nos anos vindouros. E, certamente, essas organizações vão, efetivamente, nos apoiar.

Agora, é preciso também não esquecer que temos que desbastar um conjunto de medidas que ainda impedem uma cooperação científica internacional mais forte. Refiro-me à Lei de Patentes, que nós estamos negociando no Congresso, com toda a atenção, com todo o cuidado que a matéria requer, – mas sem o complexo que tantas vezes nos deixa entristecidos, de ver um país, que já é tão pujante e ainda se pensa como se fosse um país colonial e que não tem coragem de afrontar as dificuldades do mundo –, com toda a tranqüilidade e aceitando certas regras, que são necessárias para que possamos ter um desenvolvimento científico e tecnológico mais consistente.

Da mesma maneira como estamos avançando nessa questão da Lei de Patentes, dos *softwares*, etc., nós temos que cuidar de outros aspectos que vão permitir um avanço grande: por exemplo, a lei que mandamos agora sobre a exportação de materiais sensíveis, que é importante para que possamos desenvolver tecnologias com a segurança de que elas não vão ser desenvolvidas para fins belicosos, porque não interessa ao Brasil entrar num caminho belicoso. E, se não nos interessa, não há por que darmos a impressão, à comunidade internacional, de que estamos fazendo uma pesquisa secreta, quando essa pesquisa não precisa ser secreta. Ela pode ser perfeitamente apoiada, como será, pelo Governo e pela sociedade, desde que deixemos claros seus objetivos e que possamos, a partir daí, também, exigir que tenhamos acesso a tecnologias que são indispensáveis para o desenvolvimento do nosso país.

Enfim, eu não quero transformar uma solenidade, que é, basicamente, de reconhecimento, de agradecimento e de encorajamento aos cientistas, em algo que pudesse dar a impressão de que o Governo está utilizando a solenidade para falar dos seus programas. Mas é, simplesmente, para dizer que estamos atentos a essas questões e que vamos precisar do apoio da comunidade científica – apoio não para o Presidente da República, como pessoa nem como político, nem para o Governo, como órgão político, mas apoio para que possamos avançar naquilo que é necessário para a nossa sociedade.

Temos todas as condições de multiplicar as possibilidades de que carreiras como as duas aqui, hoje, homenageadas, possam existir no Brasil com tranquilidade e com persistência.

A incumbência que tem o Ministro Vargas é precisamente a de alertar o conjunto do Governo para as necessidades que existem no Brasil e para que nós possamos, realmente, mudar de patamar.

Não há milagres nessa matéria. Talvez haja em outras. Nessa não há. Nessa matéria só existe uma coisa: trabalho, recursos, competência e coordenação. E isso tem que ser feito em cooperação aberta com a comunidade científica.

Agradeço muito a presença do Dr. Krieger – também antigo companheiro de outras ocasiões – aqui nesta solenidade.

Quero, ao finalizar, ao ouvir as palavras do Dr. Alvim, ao saber, como sei há tantos anos, do trabalho do Dr. Salzano e do Dr. Alvim, ao vê-los aqui, com essa capacidade de não perder a confiança e com essa serenidade que só a sabedoria assegura, dizer-lhes, com muita sinceridade, que hoje foi uma manhã muito grata para mim, por poder apertar a mão de dois grandes cientistas brasileiros.

Meus parabéns.

